

DA COMUNICAÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERACIONAL À ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

Fábio Rodrigo de Moraes Xavier ¹

Resumo

O texto busca a percepção comunicativa na interação ligada à etnografia na construção de sentido a partir de uma perspectiva teórica. A nossa reflexão possui o diálogo interacional em conjunto com o processo etnográfico na visão simbólica. Dessa maneira, temos como procedimento a intersubjetividade de Schutz, ela que aparece no envolvimento entre sujeitos. Além disso, trazemos o interacionismo simbólico de Rüdiger ligado ao aspecto comunicativo na integração das pessoas conforme a concepção de Simmel. Desse modo, a nossa reflexão está ligada à condição etnográfica, na prática da vida pertencente à realidade dos indivíduos, que ocorre em Geertz. Dessa maneira, temos a relação entre o campo de pesquisa e a pessoa que investiga, tendo por base acontecimentos no aspecto etnográfico, segundo Clifford. A perspectiva comunicativa pertence à experiência do mundo na premissa simbólica e vivência dos indivíduos. Logo, a etnografia adere ao movimento significativo pertencente ao mundo habitual dos sujeitos na observação da realidade. Nesse contexto, obtemos como resultado o movimento interacional na construção etnográfica interpretativa. Isso se deve à condição do sentido com o campo observado na relação de quem faz a pesquisa com aquilo que é pesquisado. Desse modo, pertence à obtenção do conhecimento analisado e estudado por conta da observação do cotidiano.

Palavras-chave: Interação; Etnografia; Interpretação; Cotidiano.

Of the communication as an interactional perspective to interpretative ethnography

Abstract

The text seeks communicative perception in the interaction linked to ethnography in the construction of meaning from a theoretical perspective. Our reflection has the interactional dialogue together with the ethnographic process in the symbolic. We have as a procedure Schutz's intersubjectivity, in the involvement between subjects. In addition, we realized Rüdiger's symbolic interactionism to the communicative aspect in the integration of people in the Simmel's conception. In this way, our reflection to the ethnographic condition, in the practice of life belonging to the reality of individuals, this process occurs in Geertz. In this way, we have the relationship between the research field and the researcher in events in the ethnographic aspect, according to Clifford. The communicative perspective belongs to the experience of the world in the symbolic premise, which occurs in people's experiences. Therefore, ethnography adheres to the significant movement belonging to the habitual world of subjects in the

¹ Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA) na linha de pesquisa Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia. Fez parte do corpo discente da Universidade Federal do Pará (UFPA) no curso de Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo. Sendo assim, na graduação fez parte do Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Cultura e da Comunicação. Além disso, foi também discente do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Pará (UEPA) no ano de 2013. Possui como temática a fenomenologia, hermenêutica, intersubjetividade, etnografia e a etnometodologia a partir da perspectiva cultural das socialidades. Atualmente colabora com o grupo de pesquisa Socialidades Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas.

DA COMUNICAÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERACIONAL À ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

observation of reality. In this context, we obtain as a result the interactional movement in the interpretative ethnographic construction based on the condition of meaning to the observed field in the relationship between the researcher and the researched. So, this belongs to obtaining the analyzed and studied knowledge due to the observation of everyday life.

Keywords: Communication; Interaction; Ethnography; Interpretation; Daily.

De la comunicación como perspectiva internacional a la etnográfica interpretativa.

Resumen

El texto busca la percepción comunicativa en la interacción vinculada a la etnografía en la construcción de significado en una perspectiva teórica. Nuestra reflexión tiene el diálogo interaccional junto con el proceso etnográfico en una mirada simbólica. De esta manera, tenemos la intersubjetividad de Schutz como procedimiento, que aparece en la implicación entre sujetos, además, traemos el interaccionismo simbólico de Rüdiger vinculado al aspecto comunicativo en la integración de las personas según la concepción de Simmel. De esta manera, nuestra reflexión se vincula a la condición etnográfica, en la práctica de la vida perteneciente a la realidad de los individuos, este proceso se da en Geertz. De esta manera tenemos la relación entre el campo de investigación y el investigador en los acontecimientos en el aspecto etnográfico, según Clifford. La perspectiva comunicativa pertenece a la experiencia del mundo en la premisa simbólica, que ocurre en las experiencias de las personas. Por tanto, la etnografía se adhiere al movimiento significativo perteneciente al mundo habitual de los sujetos en la observación de la realidad. En este contexto, obtenemos como resultado el movimiento interaccional en la construcción etnográfica interpretativa a partir de la condición de significado al campo observado en la relación entre el investigador y el investigado. Por tanto, se trata de obtener conocimientos analizados y estudiados de la observación en el mundo.

Palabras - clave: Comunicación; Interacción; Etnografía; Vida diaria

INTRODUÇÃO

A perspectiva interacional etnográfica interpretativa possibilita entendimento do sentido na percepção da realidade. Logo, isso aparece na relação entre o campo e a observação a partir da construção comunicativa do cotidiano. Aliás, esse processo ocorre no vínculo subjetivo do sujeito ao contato com aquilo percebido no mundo habitual.

Dessa maneira, o objetivo deste texto teórico é perceber a reflexão comunicativa interacional ligada à etnografia interpretativa. Desse modo, trazemos dois momentos para a

nossa ideia: no primeiro, vamos falar da interação associada ao cotidiano, e no segundo, temos o entendimento etnográfico interpretativo na percepção da realidade. Logo, isso proporciona entender a relação entre pessoas no processo da observação na perspectiva de sentido pertencente ao campo.

Assim sendo, a base para o nosso procedimento é a intersubjetividade (SCHUTZ, 2012). Além disso, temos o entendimento do interacionismo simbólico na condição comunicativa (RÜDIGER, 2011). Também, a perspectiva cultural da experiência (NOBRE, 2005). Ainda mais, trazemos a integração social percebida pelo (SIMMEL, 1983).

Então, nesse contexto, a etnografia interpretativa propõe relações das pessoas (GEERTZ, 2008). Que articula o sentido do campo observado. Além disso, é visualizada a performance (CLIFFORD, 2002), no aparecimento de relatos e acontecimentos. Dessa maneira, isso ocorre na construção significativa na relação entre quem investiga e a realidade estudada. Consequentemente, a perspectiva etnográfica da interpretação é conectada ao ambiente significativo no conhecimento a partir do contato com aquilo percebido cotidianamente.

Nesse cenário, obtemos a percepção da etnografia na ideia significativa no mundo social. Assim sendo, a nossa reflexão busca de modo teórico, a condição interacional na relação entre quem pesquisa e o campo interpretado. Logo, temos como justificativa o entendimento da ligação dos sujeitos, na prática da vida, pois proporciona o aspecto simbólico na construção do conhecimento por causa daquilo observado no cotidiano. Ainda mais, isso possibilita a estruturação do sentido na experimentação etnográfica.

Logo, a relevância da nossa concepção pertence à perspectiva etnográfica interpretativa como produção do conhecimento

na observação do campo. Além disso, essa ideia é conectada à interação na experiência do cotidiano. Dessa maneira, esse processo equivale ao aspecto do sentido na percepção do mundo habitual a partir do significado a ser estudado e analisado.

Dentro dessa circunstância, entendemos que a proposta deste roteiro conceitual teórico é introduzir a condição comunicativa interacional pelo caminho da etnografia interpretativa. Além disso, teremos imagens do cotidiano na exemplificação empírica da nossa discussão. Sendo assim, buscamos perceber o movimento existente na pesquisa e naquilo observado na construção do conhecimento. Desta forma, isso é obtido a partir do campo na relação entre quem observa e aquilo que é pesquisado.

PERSPECTIVA INTERACIONAL

A nossa reflexão possui a perspectiva interacional para pensar a etnografia. Logo, possibilita chegar ao aspecto simbólico na interação do mundo habitual. No modo como as pessoas interagem com símbolos e desenvolvem interpretações nas relações entre o processo de investigação e o campo. Dessa maneira, “não há nenhum significado discursivo sem interlocução e contexto. A relevância desta ênfase para a etnografia é evidente. O trabalho de campo é significativamente composto de eventos de linguagem.” (CLIFFORD, 2002, p.44).

Imagem 1 – Trapiche da cidade de Belém do Pará



Fonte: pesquisa de campo, 2024.

Na imagem, podemos ter como exemplo os barcos com as cores da bandeira, o nome das embarcações, a maré elevada, ao fundo prédios coloridos, além do vento intenso da costa da cidade de Belém. Que colabora na percepção da localidade ao ponto de abastecimento do peixe para a capital paraense. Esse cenário possibilita a construção do sentido por conta do contato com a realidade observada.

Assim sendo, temos a intersubjetividade na ligação subjetiva do indivíduo na relação com o outro ao “mundo social no qual o homem nasce e no qual ele precisa encontrar seu caminho é experienciado por ele como uma estreita rede de relações sociais, de sistemas de signos e símbolos” (SCHUTZ, 2012, p. 92). Essa perspectiva ocasiona o movimento das subjetivações estabelecidas no cotidiano. Além disso, proporciona o convívio simbólico, em que:

Começamos com um exame do mundo social, suas várias articulações e formas de organização que constituem a realidade social para os homens que nele vivem. O homem nasce em um mundo que já existia antes de seu nascimento; e esse mundo não é apenas físico, mas sociocultural. (SCHUTZ, 2012, p. 91).

Essa organização ocorre no contexto da vida habitual. Ainda mais, pertence à expressividade do sujeito na prática

DA COMUNICAÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERACIONAL À ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

cotidiana. Então, possibilita observar o sentido na construção do cotidiano por conta da relação entre pessoas. Logo, esse aspecto promove a conexão simbólica ao envolvimento da pessoa no processo diário vivenciado. Por conseguinte, a subjetividade proporciona a interação no mundo circundante. Dessa maneira, exerce influência no modo como o indivíduo percebe a realidade na ligação com o outro.

Imagem 2 – Feira do Ver-o-Peso localizada na cidade de Belém do Pará



Fonte: pesquisa de campo, 2024.

Temos aqui a diversidade de pessoas que estão com foco para a compra de produtos ou a venda de mercadorias. Então, a realidade pertence ao movimento de troca, também ocorre em lógicas de negociação. Isso representa a organização do mundo como expressividade daquela prática cotidiana na ligação de sentido na localidade. Dessa maneira, a relação entre os sujeitos possibilita a construção significativa daquele cotidiano.

Nesse cenário, temos a perspectiva do interacionismo simbólico, pois “as pessoas se relacionam através de símbolos;

os símbolos estruturam o processo de comunicação" (RÜDIGER, 2011, p.37). A ideia estabelece a ligação simbólica no cotidiano da pessoa. Por conta disso, esse aspecto possibilita observar a relação subjetiva do sujeito no mundo que o cerca. Desse modo, entendemos em (RÜDIGER, 2011) a interação como:

[...] um processo estruturado simbolicamente, constitui o emprego de símbolos comuns com vistas à interação, que funda a própria sociedade. A realidade social é construída através de símbolos; os seres e as coisas só se tornam fonte de motivação quando ganham sentido. (RÜDIGER, 2011, p. 38).

Assim sendo, a realidade é mediada por construções simbólicas, a exemplo de algum artefato, tradição, crença existente no cotidiano. Esses aspectos influenciam processos de sentido na relação entre indivíduos. Então, podemos entender a cultura na perspectiva social. Além disso, esse aspecto cultural pode ser percebido na "ideia de vivência consciente de sentidos das ações" (NOBRE, 2005, p 20). Consequentemente, observa-se a condição simbólica no jogo da cultura na construção de significado ao mundo socialmente partilhado.

Logo, essa concepção é pertencente à lógica do cotidiano na disposição da realidade e proporciona a produção do conhecimento entre o campo e quem observa. Por conseguinte, acaba por ser presente no jogo simbólico na integração dos indivíduos. Dessa forma, esse aspecto remete a Simmel, em que ele pontua:

O que faz com que a "sociedade", em qualquer dos sentidos válidos da palavra, seja sociedade, são evidentemente as diversas maneiras de interação a que nos referimos. Um aglomerado de homens não constitui uma sociedade só porque exista em cada um deles em separado um conteúdo vital objetivamente determinado ou que o mova subjetivamente. Somente quando a vida desses conteúdos adquire a forma da influência recíproca, só quando se produz a ação de uns sobre os outros - imediatamente ou por intermédio de um terceiro - é

que a nova coexistência social [...], se converte numa sociedade.
(SIMMEL, 1983, p. 61).

A sociedade segundo (SIMMEL, 1983) caracteriza-se pelas interações entre sujeitos na condição subjetiva do indivíduo. Então, pertence ao vínculo do cotidiano na reciprocidade das pessoas no mundo habitual. Além disso, esse procedimento é conectado ao reconhecimento da realidade caracterizada como maneira de articulação social na estrutura simbólica. Que “A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetificações e determina a ordem em que estas adquirem sentido a qual a vida cotidiana ganha significado” (BERGER E LUCKMANN, 1985, p. 38).

Dessa maneira, pertence à condição interacional no sentido existente das pessoas a partir de significados na construção da realidade. Aliás, podemos perceber esse processo na alteridade de (GOLDMAN, 2006), na identidade de (MALDONATO, 2005) e na sociabilidade de (SIMMEL, 1983). Assim sendo, serve de ponto de conexão da pessoa na movimentação simbólica pertencente à ligação com o cotidiano. Ademais, ocorre na articulação entre sujeitos na existência coletiva do mundo social.

O interacionismo simbólico, baseia-se, em última análise em três premissas. A primeira estabelece que seres humanos agem em relação ao mundo fundamenta-se nos significados que este lhes oferece [...] A segunda premissa consiste no fato de que os significados de tais elementos mundanos são provenientes ou provocados pela interação social que se mantém com as outras pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por esses modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato. (BLUMER, 1969, p. 2).

A condição interacional possui como ideia a reciprocidade na vinculação entre indivíduos no mundo habitual, ao envolvimento significativo do campo pesquisado. Logo, essa perspectiva compõe o processo simbólico da vida cotidiana

no entendimento da realidade. Dessa maneira, podemos perceber as premissas de (BLUMER, 1969).

Na primeira, aparece a relação dos sujeitos na condição simbólica. Já na segunda, é observada a construção significativa proveniente da experiência desenvolvida no envolvimento da pessoa conectada à prática da vida. Na última, temos a maneira como é construída a interpretação do cotidiano na movimentação de significado.

Imagem 3 – Ônibus que circula pela cidade de Belém do Pará



Fonte: pesquisa de campo, 2024.

Aqui podemos perceber no ônibus a nomenclatura de um bairro de Belém, Marambaia, com destino ao Ver-o-Peso, que é de outra localidade da cidade. Nesse contexto, é possível entender a experiência desenvolvida na movimentação das pessoas. Que podem pegar o transporte público e seguir para outras práticas cotidianas por conta de outros locais. Isso proporciona as movimentações de significado na relação com a realidade a partir do cotidiano.

Desse modo, fica evidente o mundo em sua existência como maneira de mediação pertencente a “um processo mediado simbolicamente, mas mesmo tempo em que a estrutura simbólica é mediada, na prática, pela comunicação” (RÜDIGER, 2011, p. 38). Nota-se assim que os indivíduos possuem

DA COMUNICAÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERACIONAL À ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

experiências interacionais e contribuem para a expressividade a partir da relação. Além disso, esse aspecto é transformado em mecanismos de propagação na construção de vínculos ao tempo social. Consequentemente, ocorre na cultura ligada ao cotidiano.

Há certas várias outras modalidades de racionalização do pensamento, como a filosofia especulativa ou metafísica e as ciências normativas, mas em nenhuma delas opera-se uma formalização e abstração tão radicais do pensamento como se verificará na ciência empírica. O princípio da progressividade indica um grau crescente da racionalização, que vai da magia à ciência, passando por teologias, metafísicas e conhecimentos judicativos de toda ordem. E, como os demais agentes racionalizadores portadores de interesses – o empresário, o jurista, o político profissional –, o cientista vê suas ações envoltas por uma ordem de alta complexidade, autonomia e universalidade. (NOBRE, 2005, p. 30).

Essa normativa proporciona a sustentação significativa do sujeito na realidade. Ainda mais, é ligada à compreensão da prática da vida ao aspecto racional na movimentação do mundo social. Porque as pessoas ficam conectadas ao movimento cotidiano em relações habituais.

Imagem 4 – Lojas de venda diversa na cidade de Belém do Pará



Fonte: pesquisa de campo, 2024.

Como exemplos, aparecem na imagem lojas com a publicidade de produtos. Isso estimula o movimento daquela realidade que é de compra e venda. Aliás, esse processo influencia aquele

envolvimento entre as pessoas. Na condição de normativa pertencente àquela prática cotidiana.

A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do "aqui" de meu corpo e do "agora" do meu presente. Este "aqui e agora" é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana. Aquilo que é "aqui e agora" apresentado a mim na vida cotidiana é o realíssimo de minha consciência. A realidade da vida diária, porém, não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes "aqui e agora". Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância espacial e temporalmente. (BERGER E LUCKMANN, 1985, p.39).

Dessa maneira, a racionalização ocorre como relação de vivência dos indivíduos e aparece na ligação pertencente ao aspecto simbólico da realidade. Logo, acontece na união entre sujeitos que compõem a movimentação cotidiana. Assim sendo, entendemos a cultura e a sociedade, que estão ligadas pela integração das pessoas. O principal postulado teórico da interação simbólica "é o de que a sociedade se confunde em sua estrutura com a cultura, na medida em que representa um fenômeno gerado simbolicamente" (RÜDIGER, 2011, p. 39), ideia a partir da qual se compreende o pensamento de George Mead, em que:

Estabeleceu em seu célebre *Mind, self and society*, publicado originalmente em 1934, os mecanismos de interação presidem o processo de socialização; a vida social é um produto da comunicação. Os seres humanos se constituem em sujeitos sociais capazes de coordenar suas ações desenvolvendo uma competência comunicativa. O self (eu) não é um dado imediato, com o qual se nasce, mas uma construção simbólica, que surge no processo de interação desses seres com seus semelhantes, dentro de determinada comunidade. (RÜDIGER, 2011, p. 41).

Nesse aspecto, observa-se a socialização, ou seja, a comunidade instituída culturalmente como envolvimento interacional. Que ocorre na condição de sentir, sensibilizar, estetizar e de ser afetado:

Quando é verbal, acontece mais ou menos isto: alguma coisa me impele a falar (digamos, o afeto não representado), mas não sei o quê, e tampouco sei por que isso me impele a dizer justamente

aquilo. Por exemplo, digo a um camponês, em eco a alguma coisa que ele me disse: “Pois é, eu sonhei que...”, e eu não teria como explicar esse “pois é”. Ou então meu interlocutor observa, sem fazer qualquer ligação: “Outro dia, fulano lhe disse que... Hoje, você está com essas erupções no rosto”. O que se diz aí, implicitamente, é a constatação de que fui afetada: no primeiro caso, eu própria faço essa constatação, no segundo, é um outro quem a faz. Quando essa comunicação não é verbal, o que é então que é comunicado e como? Trata-se justamente da comunicação imediata que o termo *einfühlung* evoca. Apesar disso, o que me é comunicado é somente a intensidade de que o outro está afetado (em termos técnicos, falar-se-ia de um quantum de afeto ou de uma carga energética). As imagens que, para ele e somente para ele, são associadas a essa intensidade escapam a esse tipo de comunicação. Da minha parte, encaixo essa carga energética de um modo meu, pessoal: tenho, digamos, um distúrbio provisório de percepção, uma quase alucinação, ou uma modificação das dimensões; ou ainda, estou submersa num sentimento. (FÁVRET-SAADA, 2005, p. 159).

Isso corrobora para o contato com a prática cotidiana. Dessa maneira, pertence à expressividade do indivíduo que interage com o mundo sensível por conta da afetação. Assim sendo, é perceptível que o aspecto interacional abrange a realidade na expressão da vida a partir das pessoas. Dentro desse contexto, cabe destacar que a interação, a cultura e a sociedade pertencem à relação subjetiva na socialização do cotidiano.

Então, esses sujeitos são ligados à construção de significados na interpretação da realidade. No qual, são movidos pelo processo da movimentação cotidiana. Em elementos provocados pela ação interacional. Por conseguinte, a percepção da etnografia interpretativa na interação aparece no envolvimento do mundo que se queira pesquisar. Como articulação entre quem faz a pesquisa e aquilo pesquisado pertencente ao estudo etnográfico, portanto, temos que esses:

[...] processos são responsáveis por tal envolvimento do self, - que tipos de histórias, capacidades, desejos, frustrações, planos - pertencem ao domínio do psicólogo. Entre outras coisas, se incluirão as propensões para a resposta física e a consciência de que as imagens duradouras de quem se é estão intimamente em jogo: as emoções falam sobre as maneiras pelas quais o mundo social é aquele em que estamos envolvidos. Mas, à parte, as apostas, soluções, ameaças e possibilidades de resposta estão aptas, em todos os casos, a tomar forma a partir do que o mundo e as concepções de coisas como corpo, afeto e self são.

DA COMUNICAÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERACIONAL À ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

Sentimentos não são substâncias a serem descobertas em nosso sangue, mas práticas sociais organizadas por histórias que nós encenamos e contamos. (ROSALDO, 2019, p.39).

Dessa forma, isso fica conectado ao conhecimento estabelecido na observação do campo por conta do cotidiano na ação relacional. Que acontece pelo encadeamento do movimento simbólico instituído no contato de quem investiga na interação com aquilo observado. Assim sendo, está relacionado às articulações de sentido no envolvimento mundano da pesquisa. Desse modo, a condição comunicacional ocorre na dimensão cultural e social pertencente à construção da realidade. Esse aspecto decorre da condução de significado a partir daquilo contemplado.

Dessa maneira, aqui chegamos à etnografia interpretativa. Como movimento que nasce na observação daquilo pesquisado na expressão cotidiana. Por conta da interação estabelecida no contato com a realidade percebida. Nas articulações de sentido, no envolvimento de quem faz a pesquisa na ligação com o campo. Assim, esse processo estabelece a construção etnográfica que ocorre pelas organizações do cotidiano devido à condição interacional entre pessoas na movimentação do mundo habitual.

ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

A etnografia interpretativa está ligada à relação entre o campo e quem investiga na produção de significado do mundo observado e estudado. Desse modo, é o processo para coleta de dados e informações. Ainda mais, pertence ao contato subjetivo na vinculação da pesquisa e o pesquisado na realidade observada e analisada. Isso aparece naquilo

elaborado pelo indivíduo na ligação com a interação do cotidiano. Logo, a observação cotidiana possui relacionamento, mediação, no envolvimento com aquilo contemplado.

Então, o nosso interesse pela perspectiva etnográfica interpretativa concerne ao envolvimento do sentido na estruturação da pesquisa de campo. Além disso, esse aspecto é ligado ao movimento simbólico da realidade analisada e pesquisada. Dessa maneira, podemos perceber que a etnografia possibilita “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEETZ, 2008, p. 4).

A proposta é, então, escrever etnografias tendo como modelo o diálogo ou, melhor ainda, a polifonia. Ter como modelo não significa necessariamente transcrever diálogos, embora alguns autores tenham interpretado isso literalmente (Dwyer 1977, 1982). A idéia é representar muitas vozes, muitas perspectivas, produzir no texto uma plurivocalidade, uma “heteroglossa”, e para isso todos os meios podem ser tentados: citações de depoimentos, autoria coletiva, “dar voz ao povo” ou o que mais se possa imaginar. (CALDEIRA, 1988, p.141).

Tudo isso é conectado ao contexto relacional entre o campo e quem observa o processo simbólico do cotidiano. Nessa situação, ocorre a ligação daquilo observado e aquele que faz a pesquisa. Aliás, o procedimento etnográfico interpretativo propõe envolvimento de enredos, arranjos do mundo habitual, na simbologia pertencente à conexão das pessoas. Esse aspecto aparece na expressividade de significados no condicionamento interacional a partir da realidade percebida pelo sujeito que faz a análise.

No que se segue, trato a própria etnografia como uma performance com enredo estruturado através de histórias poderosas. Encarnadas em relatos escritos, tais histórias simultaneamente descrevem acontecimentos culturais reais e fazem afirmações adicionais, morais, ideológicas e mesmo cosmológicas. A escrita etnográfica é alegórica tanto no nível de seu conteúdo (o que ela diz sobre as culturas e suas histórias)

DA COMUNICAÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERACIONAL À ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

quanto no de sua forma (as implicações de seu modo de textualização). (CLIFFORD, 2002, p. 63).

A etnografia interpretativa proporciona a condição simbólica na interação com o campo de estudo ligado à articulação de sentido, que se configura como performance. Isso ocorre no contato com a realidade a partir da construção significativa entre indivíduos no cotidiano. Desse modo, atentamos às informações de Clifford (2002) com relação à ideia de enredo na significação do aspecto interacional etnográfico.

Imagem 5 – Avenida periférica da cidade de Belém do Pará



Fonte: pesquisa de campo, 2024.

Aqui podemos perceber um corredor com quatro pistas e, ao fundo, um colégio com o muro colorido. Também temos postes e uma parada de ônibus. Nesse contexto, obtemos vários aspectos simbólicos da realidade. Ainda mais, é possível entender a lógica de construção de sentido existente na movimentação das pessoas que passam pelo local.

Nessa ideia, é importante notar a alegoria (CLIFFORD, 2002). Na perspectiva da etnografia em falas por conta das culturas, sociedades e implicações de sentido presente na observação

cotidiana. Assim sendo, esse processo pertence à construção etnográfica interpretativa na ligação do conteúdo a partir de determinado grupo e na forma devido à textualização do mundo para posterior estudo. Dessa maneira, a expressividade do campo de pesquisa possui a movimentação do cotidiano. Ademais, é ligado ao modo de interagir no envolvimento entre indivíduos e na propagação dos sujeitos por causa daquilo interpretado. Com isso, é interessante entender o *ethos*, como conhecimento pertencente à realidade, tendo por base a interação.

Os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo "ethos", enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo "visão de mundo". O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. (GEETZ, 2008, p. 93).

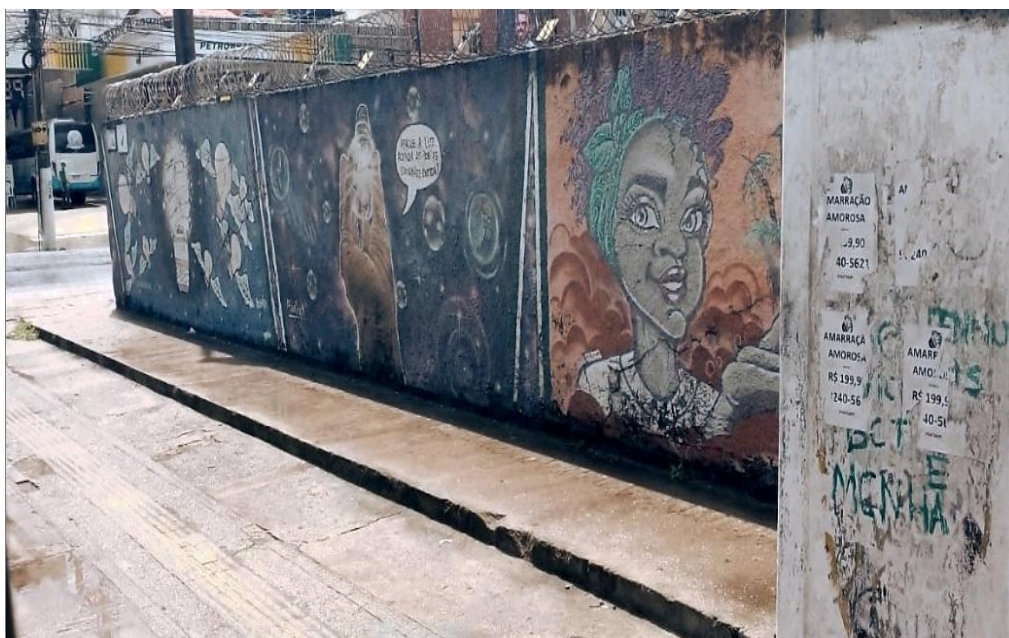
O elemento valorativo proporciona a condução simbólica. Na experiência como maneira de representação do mundo cotidiano. O *ethos* é a estruturação do sujeito com relação àquilo que o circunda. Então, pertence à construção da realidade no envolvimento do indivíduo na interação com outro. Além de que, a pessoa é fonte de sentido em um contexto diário.

Dito de maneira simples, por meio da linguagem um mundo inteiro pode ser atualizado em qualquer momento. Este poder que a linguagem tem de transcender e integrar e conserva-se mesmo quando não estou realmente conversando com outra pessoa. Mediante a objetivação linguística, mesmo quando estou "falando comigo mesmo" no pensamento solitário, um mundo inteiro pode apresentar-se a mim a qualquer momento. No que diz respeito às relações sociais a linguagem "torna presente" a mim não somente os semelhantes que estão fisicamente ausentes no momento, mas indivíduos no passado lembrado ou reconstituído, assim como outro projetados como figuras imaginárias no futuro. Todas estas "presenças" podem ser altamente dotadas de sentido, evidente, na contínua realidade da vida cotidiana. (BERGER E LUCKMANN, 1985, p.60)

DA COMUNICAÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERACIONAL À ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

Na imagem a seguir, é possível observar "presenças" na composição cotidiana. Como maneira de articulação entre pessoas. A partir da montagem de sentido, então temos exemplo do muro com figuras e textos. Além disso, ao fundo, podemos perceber um posto com preços e, ainda mais, cartazes no poste branco oferecendo algum serviço. Esse conjunto proporciona a construção significativa para aquele cotidiano da localidade.

Imagem 6 – Muro em uma rua do centro urbano de Belém do Pará



Fonte: pesquisa de campo, 2024.

Assim sendo, podemos atentar nessa perspectiva a percepção de cronótopo na produção de relações temporais e espaciais que envolvem o cotidiano integrado à "interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas" (BAKHTIN, 2014, p. 211). Essa ideia é caracterizada na condição linguística da construção simbólica na ligação entre indivíduos. Então, é como se o tempo e o espaço estivessem ligados ao movimento da simbologia usual da realidade. Aliás, pertence à criação de significado ao aspecto simbólico.

DA COMUNICAÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERACIONAL À ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

O excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se. Esses atos podem ser infinitamente variados em função da infinita diversidade das situações em que a vida pode colocar-nos, a ambos, num dado momento. Mas em toda parte e sempre o excedente da minha atividade existe e seus componentes tendem a uma constância estável. (BAKHTIN, 1997, p. 43).

A condição etnográfica interpretativa aparece no modo como a prática da vida é conduzida na significação. Em ligações temporais e espaciais que competem o sentido ao envolvimento entre o campo e a pessoa que faz a pesquisa. Dessa maneira, isso é estabelecido ao conhecimento do cotidiano.

[...] contribuir para uma reflexão prática sobre a representação intercultural fazendo um inventário das melhores, ainda que imperfeitas, abordagens disponíveis. Destas, o trabalho de campo etnográfico permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um "desarranjo" das expectativas pessoais e culturais. (CLIFFORD, 2002, p. 20).

A realidade do indivíduo pertence ao processo da condução de sentido no envolvimento do sujeito por conta da experiência com o outro. Desse modo, a etnografia interpretativa não deve ser entendida como algo técnico, ou seja, um molde pré-determinado, sendo então uma construção de conhecimento. Aliás, uma união significativa que ocorre entre o campo de pesquisa e quem observa.

Através da "interpretação", os significados culturais são transformados. E, através da "corporificação", os símbolos coletivos adquirem o poder, a tensão, a relevância e o sentido emergentes de nossas histórias individualizadas. Pode bem ser que exijamos que as psicologias - ou fisiologias - ou as "energias", compreendam completamente os modos pelas quais as formas simbólicas são moldadas e recebem sentido, por meio da aplicação a vidas "encarnadas". Mas, então, (como Ricoeur

DA COMUNICAÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERACIONAL À ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

viu), parece que, na medida em que estão ligadas à cultura, as psicologias perdem a sua força energética; enquanto que, quando livres de cultura, os relatos de energias psíquicas são, na melhor das hipóteses, provisórios. (ROSALDO, 2019, p.36).

Imagem 7 – Barcos estacionados na beira da cidade de Belém do Pará



Fonte: pesquisa de campo, 2024.

Desse modo, na imagem aparecem "energias" do contexto amazônico. Nos barcos, no movimento da água, nas cores, nos nomes das embarcações. Esse processo ocorre na aplicação das vidas "encarnadas" por conta da cultura, sociedade, nas composições de sentido, que se transformam na condição do mundo habitual no local. Então, percebemos a construção de uma organização psicológica. Na qual institui o real a partir de processos e relações entre pessoas. Que produzem a "corporificação" e "interpretação" para com certa realidade.

Assim sendo, o entendimento do procedimento etnográfico interpretativo é colocado nesta reflexão como interação ao conhecimento significativo daquilo pesquisado. Na observação do cotidiano e naquilo que será usado para análise. Desse modo, esse processo aparece na prática da vida, ligada à etnografia interpretativa e na relação do

indivíduo no mundo que o cerca simbolicamente. A propósito, ocorre na movimentação comunicativa pertencente à experimentação por conta da realidade percebida.

Nesse cenário, obtemos a comunicação na perspectiva interacional na etnografia interpretativa que proporciona entendimento do movimento relacional entre quem investiga e o campo pesquisado. Logo, isso ocasiona experimentação na ligação com o que é observado na realidade. Desse modo, esse aspecto será posteriormente estudado para análise devido à construção de sentido sobre o cotidiano. Em um processo significativo mundano por conta de diferentes fontes do mundo habitual vivenciado pela pessoa que faz a pesquisa no contato com aquilo contemplado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa reflexão abrange discussões na movimentação do sentido comunicativo. Dessa maneira, não fica delimitada à questão do sujeito e objeto, mas colabora para o conhecimento de campo a partir da intersubjetividade. Isso está ligado à condução dos significados diante do cotidiano. Desse modo, neste texto percebemos a concepção da interação na etnografia, assim como foco na relação entre aquilo observado e quem faz a pesquisa.

Desse modo, no primeiro momento, percebemos a movimentação subjetiva na relação com o outro, na ligação com as estruturas de sentido conectadas ao mundo habitual. Logo, esse processo é vinculado à interação entre cultura e sociedade na expressão existente da realidade. Aliás, ocorre na ambientação da formação significativa do cotidiano.

Dessa maneira, é pertencente à movimentação do mundo habitual na criação de sentido e relação dos sujeitos. Ademais, ocorre na construção interacional ligada ao significado mundano. Nesse momento, aparece o processo relacional entre o campo e quem faz a investigação. Isso está ligado à organização significativa elaborada a partir da interação.

Nesse cenário, é importante ressaltar a etnografia interpretativa pertencente ao conhecimento conectado à prática de observação a partir da realidade. Aliás, esse processo propõe a interpretação no envolvimento entre o campo e quem faz a pesquisa. Logo, a nossa reflexão possui como entendimento o pensamento interacional na construção etnográfica. Pois, estabelece a perspectiva de análise do cotidiano na condução significativa do sujeito e aquilo observado.

Assim sendo, a nossa reflexão aqui exposta procura observar a relação entre o campo observado e a pessoa que faz a pesquisa. Desse modo, possibilita entender a movimentação do sentido pertencente ao contato com aquilo analisado na realidade — uma experiência cotidiana ao seu significado existencial. Nessa perspectiva, o texto serve de ideia introdutória, pois desperta a concepção da interação ligada à condição ontológica na lógica do ser com outro conectado à etnografia.

Desse modo, temos na nossa ideia o cotidiano em expressões que formam a etnografia na condução de sentido à percepção do real. Consequentemente, a concepção aqui colocada é pertencente a construções de pesquisas no campo estabelecido para quem investiga. Além disso, a observação se utiliza dessa perspectiva etnográfica como maneira de obtenção do conhecimento. Então, ocorre na interação cotidiana por conta da produção significativa ao contato com

DA COMUNICAÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERACIONAL À ETNOGRAFIA INTERPRETATIVA

as energias do mundo. Logo, esse processo acontece na relação com o outro sujeito na experimentação a partir da realidade pesquisada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: vozes, 1985.

BLUMER, Herbert. *Symbolic interactionism: perspective and method*. Englewood Cliffs: NJ. Prentice-Hall, 1969.

CALDEIRA, Teresa. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Novos estudos*, n. 21, 133-157, 1988.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica; antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC: 2008.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. *Etnográfica*, n. 1, pp. 161-173, 2006.

MALDONATO, Mauro. Arquipélago identidade O declínio do sujeito autocêntrico e o nascimento do eu múltiplo. *Rev. Latinoam. Psicopat*, São Paulo, n. 3, v. 8, p. 480-496, 2005.

NOBRE, Renarde. Weber e o racionalismo ocidental. In: Carvalho, Alonso Bezerra & Brandão, Carlos da Fonseca (Org.). *Introdução à sociologia da cultura: Max Weber e Norbert Elias*. São Paulo: Avercamp, 2005.

ROSALDO, Michele. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, n. 54, pp. 31- 49, 2019.

RÜDIGER, Francisco. *As teorias da comunicação*. Porto Alegre: Penso, 2011.

SCHUTZ, Alfred. *Sobre a fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SIMMEL, Georg. *O problema da sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.